



O talento mais original, a organização musical mais completa que possui o Brazil.

As popular maestro enviamos d'aqui uma saudação de respeito e admiração pelo
 seu enorme talento Enquanto o Brazil applaudir e estimar os talentos como a de
 Mesquita e de Gomes, será um Paiz.

NOTA. — Não se trata de accoção que nos obriga a saldar este numero da politica, é porque nos merecem muito e repara-
 mentos, não só para a educação os factos artisticos de que tratamos hoje de que a politica musical, de que tratamos todos os dias

Expediente

Recebemos exemplares das seguintes publicações:
A si fluminense por um tenente a Deus. — Occupa-mos-nos deste livro em artigo especial.

Biblioteca economica, ns. 46, 47 e 48. — Merece esta publicação todo o favor do publico pelo zelo, pela pontualidade, e pelos bem escolhidos romances que tem distribuido nos seus assignantes.

Occidente, n. 18. — Afféra a espirituosissima *Chronica occidental*, de Guilherme de Azevedo, traz mais este numero o retrato do inventor Thomas Edison, um artigo sobre Alexandre Herculano e um conto, de Alberto Braga.

La sison, n. 18.

Economista brasileiro, n. 18.

O Domingo, n. 40 — Insete um soneto *A' luta!* do Sr. F. de Almeida.

O Motor Instantaneo é um apparelho socialista: move-se por meio do petroleo. Por isso mesmo é grandioso como todas as concepções do povo. Limita-se a um pequeno espaço: ficaria bom na arena occupada por um guarda-roupa de presidente de republica. Também é coisa de uma companhia de New-York e New Jersey. Depois dirige-se por um só homem: é o despotismo, a dicitadura do movimento.

Temos apenas um pezar — é não sermos os seus inventores; mas temos um prazer — é poder apreciar-o e admirar-o.

O Arrelva, polka lunedì para... cavaquinho. Pode e deve ser tocada com successo nos... cursos de dança. Agradecemos.

Continua aberta em nosso escriptorio, até ao fim do corrente mez, a subscrição a favor dos orphãos, agenciada pelo irmão Ignacio.

Aos Srs. assignantes, que não quizerem continuar a honrar-nos com o seu auxilio, pedimos encarecidamente mandem participar-nos com antecedencia essa resolução infesta e dolorosa.

Pedimos aos Srs. assignantes que se esqueceram do nos mandar aguilão, que se fazem as filhas e se compram os molhos, o favor de satisfazerem as suas assignaturas, vencidas em 30 de setembro p. p.

AO SR. A. GARCEZ. — Os seus versos tiveram a applicação conveniente, e prevista pelo preclaro vate.



Ao Sr. J. L. Caetano da Silva



obremaneira penhorados com o presado favor de V. S., publicado no *Jornal do Commercio* e transcripto nos demais diarios desta cidade, vimos, com o coração a desbordar de jubilo e a bocca cheia de riso apresentar a V. S. — philantropo, poeta e senhor! — os nossos mais acendrados e entusiasticos sentimentos de gratidão, admiração e veneração.

V. S., com o piedoso e levantado intuito de concorrer com o seu obulo

para mitigar os horrores da fome dos infelizes cearenses, deu á estampa uma collecção de versos, que nós, com a franqueza habitual e com o costumado desassombro, capitulámos, bem que implicitamente, de inoportuna, imprestavel e infortunada.

Sim, — caro poeta, senhor e philantropo! — V. S. podia perfectamente compagnar em volume os productos poeticos da sua imaginação de ha vinte annos e ornar com o seu nome a lista dos benefiteiros do *desditoso Ceará*, no bello e conceituoso dizer de V. S.

Mas querer — senhor, philantropo e poeta! — que passemos de admiração pelos seus versos, simplesmente porque V. S. socorre as victimas do Ceará desditoso, é, mal comparando, como se uns *noctiragos* assaz conhecidos fossem pedir alli na policia da esquina os deixasse partir as vidrugas da rua do Ovidor, a troca de vinte contos de esmola ao Asylo de Mendigos.

Tenha paciencia, — poeta, senhor e philantropo! — V. S. não pôde partir vidrugas.

Quanto á accusação de indifferentes, que nos lançastes, ó poeta! permiti que vos digamos, não tendes razão nenhuma.

Por um lamentavel desuendo, nunca exigimos recibo das esmolas que temos feito. E' só isto.

Mas, pois é mister uma explosiva manifestação de caridade; ó philantropo! declaramos á commissão de socorros para as victimas da secca, que pomos ás ordens da referida commissão a quantia de 108560 réis, a saber:

| | |
|---|--------|
| Por instinctos caridosos..... | 108000 |
| Pelo livro de versos que nos mandou o Sr. J. L. Caetano da Silva..... | 560 |
| | 108560 |

No mais, continuamos a ser
Piratas da imprensa e desadoradores de Vozes Poeticas,

JOSÉ DO PATROCÍNIO,
 ARTUR BARREIROS.

Pelo Maranhão.

s conservadores não cabem em si de contentes, porque sempre dão um deputado pelo Maranhão: o Sr. Silva Maia; e outro por S. Paulo: o Sr. João Mendes, dous maranhenses.

No entanto esses senhores não têm motivo algum para similhante jubilo.

Não é a politica que move do sul e do norte aquellas duas capacidades.

Não!

O Sr. João Mendes vem attrahido pelos annuncios de uma companhia nova no Alcazar.

O Sr. Silva Maia vem para o Instituto dos surdos-mudos.

Parabens ás francezinhas, parabens ao Sr. Tobias Leite.

IGNORUS.

Carta protesto a S. Ex. do Imperio.

Ex.^{ma} Sr. Conselheiro

obscuro signatário destas mal traçadas linhas tem por V. Ex. a admiração, que geralmente costumam inspirar os meninos prodígios.

Ao vel-o de posse de uma pasta em que nunca puzera a vista, não pode deixar de ficar esquiaberto, porque é forçoso fizel-o, ninguém esperava que tão moço, V. Ex. se achasse fazendo parte de uma corporação em que torna á direita a veneranda legenda do Rio Grande do Sul.

Assim temos applaudido os actos de V. Ex. com o mesmo entusiasmo com que em casa dos nossos amigos applaudimos as meninas de 7 annos, que já arrancam no piano a polka *Cri-cri*. Porque, note V. Ex., o esforço é identico, isto é, tão admiravel se torna ver as supra-ditas meninas arranhando os pianos e os nossos ouvidos, como ver V. Ex. arranhando a Constituição, embora não seja precisamente para nos fazer ouvir o lundú do Lord Lins.

Mas, Ex.^{ma}, não foram as arranhaduras na Constituição que nos obrigaram a quebrar um silencio, que era um ponto de admiração.

Não, Ex.^{ma}, não foi a Constituição; essa, que seja arranhada em quanto V. Ex. tiver, nas pontas dos seus dez dedos, as dez unhas roseas e polidas, que por uma modestia inexplicavel se obstinam em esconder sob uma fanebra lava preta.

O que motivou esta, Ex.^{ma}, foi o seu ultimo acto, aquelle que manda queimar a gente depois de morto, como se queimados não andassem os nós todos em vida.

Não creia agora V. Ex. que nos vamos queixar das dores que havemos de soffrer depois de entrar para o forno, como um celebre pato do Dr. Ferreira de Araujo (*).

Não, Ex., a nossa magoa é muito maior, o que nos deu coragem para quebrar o tal silencio de que já fallei, como V. Ex. já deve ter visto, se por acaso ou se por um oculo está olhando para esta missiva, foi um descaço que acaba de receber uma senhora muito conhecida de V. Ex., e que por certo muito concorreu para o elevar a tão alta posição. Quero fallar da Rhetorica, tão violentamente agredida pelo acto da cremação dos cadaveres.

Importa-me pouco, que, depois de morto, V. Ex. pegue em mim e me torre ou me enterre. Com o que, porém, me não posso conformar, é com a profunda alteração que vai soffrer a Rhetorica.

Por certo V. Ex. não attendeu a isto. Queimou-se com a opposição e zás, decretou a queima geral. Fez muito bem; mas a Rhetorica? O que hade ser da Rhetorica?

Eu sempre descejava que V. Ex. me respondesse do seguinte:

Supponhamos que amanhã morre um grande cidadão. Sem o acto da cremação, alugavam-se umas duzias de carros, vestiam-se duas duzias de casacas e lá tratava o prestito para o cemiterio. Ahí, um dos convidados, com ar grave e lagrimas na voz, começava:

— E' á beira da sepultura... etc. e tal as cousas do costume.

Isto era pela moda antiga. Mas agora que não ha mais sepultura, o que hade de dizer o orador?

— E' á bocca do forno, etc. e tal.

Bem vê V. Ex., ahí está o primeiro inconveniente.

Segundo. Come se hade substituir esta chapaz: *A fria louza da morte?*

Hade-se dizer:

— A ardente fornalha da cremação?

Isto não pôde ser, é abaxiar o nivel da eloquencia necrológica.

E não param aqui os inconvenientes do acto de V. Ex. Os convites não podem mais ser para *enterrar*, hão de dizer: para acompanhar o sujeito até á porta do forno. E ainda ha mais. Até aqui as pessoas que morriam queimadas enterravam-se, mas agora? Se ellas já ficam queimadas, o que se lhes hade fazer? Tornar a queimá-las? Que barbaridade!

Ainda ha um inconveniente, e por ser o maior o guardamos para o fim.

V. Ex. conhece sem daviada o *Hamlet*. Lembra-se por certo de que n'essa tragedia ha uma scena em que um coveiro tira da terra um craneeo a respeito do qual philosopha um bocado.

Não é vulgar apparecerem Shakespeares; mas se por acaso o Dr. Mello Pitada ou o dramaturgo Furtado Coelho se lembrarem de fazer um drama, ou dois dramas, ou tres, ou cincoenta dramas, em que tenham de metter um coveiro e um craneeo, como hão de obrar?

Hão de metter o coveiro no forno a apañhar pitadas de pó, ou ficará a litteratura nacional sem essas obras do referido Pitada e do não menos citado Furtado?

Alguram-se-me graves estes inconvenientes.

E se não, pergunte-o V. Ex. ao seu general, ao nosso Osorio.

Além de que, o acto de V. Ex. revela um sentimento de ingratidão. V. Ex. nunca deveria consentir que a Rhetorica soffresse a menor alteração, porque emfim V. Ex., figuradamente falando, de quem é filho?

Da Rhetorica. Foi ella que o criou e ampara-o.

Attenda a isto, Sr. conselheiro. Não dê armas á opposição, para que ella, já que não lhe pôde chamar nem mau guarda nacional, nem mau cidadão, o qualifique de mau filho!!

Que ao menos este ministerio possa dizer — perca-se a Orthographia; mas salvemos a Rhetorica, salvemos a Rhetorica!

Sem motivo para mais, despeço-me de V. Ex. até segunda-feira á noite, se por acaso não me queimar antes d'isso.

Sou com tudo aquillo que se costuma ser de V. Ex. (as cousas do estylo)

(*). Isto é cá uma coisa particular.



Dinorah: o acompanhamento do teatro Lyrico
 de S. Paulo, a primeira vez em S. Paulo, em 1854
 foi — de S. Paulo a primeira vez em S. Paulo, em 1854
 Dinorah: o acompanhamento do teatro Lyrico
 de S. Paulo, a primeira vez em S. Paulo, em 1854
 foi — de S. Paulo a primeira vez em S. Paulo, em 1854
 Dinorah: o acompanhamento do teatro Lyrico
 de S. Paulo, a primeira vez em S. Paulo, em 1854
 foi — de S. Paulo a primeira vez em S. Paulo, em 1854

Theatro Lyrico. — Dinorah.

Uma das operas mais agradaveis que tem sido cantadas pela Companhia Ferrari.

É um mimo. — Ha em toda esta peça um tom campestre, uma poesia pastoril que delicia e extasia, como muito bem diz o folhetimista do "Jornal do Commercio."
 Oubindo-a fica-se satisfeito, sabe-se contente. Não temos um sentimento: é que a cabriola Kelly não seja branca e não seja filha da Cocozia.

Nasologia.



segundo o
rombudo.

leguns physiologistas, auxiliados pela historia, sustentam que o nariz é o pulso moral do homem, o thermometro das qualidades intellectuaes e que se não pôde ser um grande homem sem possuir um grande boque. As physiologistas, mais realistas, encheram na exeresencia oca que nos divide a cara em duas bandas um bom ou mau augurio physico, nariz é maior ou menor, afilado ou rombudo.

§

Em auxilio das physiologistas seria escabroso e difficil apontar exemplos; mas o que é verdade é que tudo concorre a provar a theoria dos Bérclardis e dos Gluges;

Cesar e Napoleão tinham cada um o bico-do-papagaio no meio da cara; o pintor Barradas tem o nariz curto e chato como um folhetim marca C. de L.; Corneille tinha a cabeça do Sr. Christiano Ottoni a flugir de nariz; e o Sr. Siminibú mal tem duas narinas por onde espirra a emigração Scully.

Somente...

§

Sómente... um argumento terrível: o nariz do França Junior veiu arrasar vevementemente toda a physiologia nasologica dos sábios.

O seu nariz é um monumento romano, a columna Vendôme reduzida á forma aquilina do boque de Cesar; e, no emtanto, Deus do céu! as suas cartas de Pariz são ranhentas, chatas como as narinas do nosso Basilio...

§

Só vejo portanto um meio para que possa vingar a bella theoria nasologica; é: ou sepultar todo o França no seu nariz, ou cremar todo o nariz do França Junior.

Assim, sem o promontório e as cavernas do deluxo, plano e chato, no menos se poderá dizer d'elle:

O estylo é o homem.

JUNIO.

Caetanada.

O Caetano, escrivião, calhe tanto que até é demais. O homem mais independente que o nosso expediente, e mais simplorio que o Castro Urso, deixou de parte uns autos que o atrapalhavam e veiu á imprensa contar que um seu amigo dissera « que os piratas invadiram a imprensa » depois que o Caetano publicou um livro de versos...

Isto é que se chama uma *caetanada* em si proprio, independente Caetano!

FIM-FIM.

Celebreira

O café é a substancia que vejo mais aborreceda. Anda sempre moído.

THOM.

Fabula instantanea.

Seu Fortuna viuva rica e medía
A' janella encontrou. Calça uma lava de
Pellica; sóbe; bate; abrem-lhe; pede-a...

Audaces Fortuna juvat.

T. DE B.

A sé fluminense

POR

UM TEMENTE A DEUS



A sé fluminense é o titulo de um valioso livro, que em outro qualquer paiz havia forçosamente de provocar grande e séria contenda entre reaccionarios e liberaes.

Aqui, porém, quasi passou despercebido.

Este livro, escripto com erudição historica, limpeza de linguagem, infinita graça e assaz de verdade, tem por objectivo pôr bem a claro que o actual

Sr. bispo do Rio de Janeiro pelo seu caracter, pela sua comprovada pouquidade intellectual, pela sua dureza de coração, pela sua oratoria burlesca, pelo seu medo de morrer, pelo seu amor á ostentação, pela sua duvidosa caridade, pelas suas comicas pastoras, pelas suas verrinas contra o clero, pelo seus actos, finalmente, não está no caso de occupar satisfactoriamente o alto posto, que foi dos D. Fr. Manoel Pereira, D. José de Alarcam, D. Fr. Francisco de S. Jeronymo, D. Fr. Antonio do Desterro, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco e D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.

O que, todavia, desejaríamos, e seria para maiores louvores, era que o *Temente a Deus* puzesse o seu nome á frente do livro, dando-lhe desta arte maior auctoridade, e imprimindo por igual mais força á sua argumentação, sendo o auctor, como sabemos que é, pessoa altamente qualificada.

Nada obstante, presta o *Temente a Deus* serviço de monta á moralidade, ao episcopado e até ao proprio Sr. D. Pedro de Lacerda, que, se não resignar o bispado ou se se não corrigir, ha de tal qual vez ouvir deses lamentosos balidos de miserias ovelhas:

« S. Ex. causa nos dor—gememos, é natural; fuge de nós—procuramol-o, é solicitude; maltrata-nos—soffremos, é resignação; tributa—pagamos, é pontualidade; pragueja—ouvimol-o, é tolerancia; refere-nos trivialidades—não rimos, é continência; escreve ratices—não as expomos ao ridiculo, é prudencia; publica o seu catechismo sem rival — não o analysamos, é abstenção; ameaça-nos—não reagimos, é humildade; molesta nossas irmãs—não respondemos, é abnegação; injuria-nos—perdoamos, é clemencia. »

CHARVOARY.

Ao Sr. Tamagno.

Meu caro Sr.

tamagno da sua voz surprehen-
do o Zé-povinho da terra, que
anda por ahí a fingir de aristocrata.
D'ahi V. S. pensar que
pode, escudado n'este desrespeitar
o outro Zé-povinho — o que
não da bailes, nem violetas a
V. S.

Ouça cá, *vero amico*; todos
nós aqui estamos tão habilitados
a ser *nobres* como qualquer cai-
xeiro de botequim a ser tenor.
E-nos apenas necessario ter din-
heiro para ser nobre, como ao
caixeiro ter voz para ser tenor.

Agora, para V. S. aquilatar o que é o Zé-
povinho sem *aristocracia*, veja: nós applaudimos
o Sr. de Sanctis, somos da receita do Saeo do
Alferez; entende? apreciamos a arte que sabe
dar a cada uma das notas a força de um pen-
samento. Não morremos de amores por V. S.
senão enquanto ao tamanho da voz. Tudo mais
de V. S. pareceu-nos detestavel: mau actor, mau
cantor, mau comico.

Finalmente escrevemos-lhe esta para dizer-
lhe que o Alcazar é na rua da Uruguayana.

Soa vero amico dilettante,
Zé.

Miseria a vapor.

O Sá era judeu, e tendo bono.
Lá *dalta-se* a cantar e ganha grosso cobre.
Baptisa-se christão do reino *renha* a nós,
Mas frequenta o Alcazar—e logo fica pobre.

E' que—bens de *Sá christão*
Cantando vem, cantando vão.

K. MARÃO.

Noticiario

redacção do *Besoiro* está outra
vez avariada na sua importante
saude, desde que travou conheci-
mento com o escriptor-escrivão
Caetano. Mas isto passa, desde
que o sr. fiscal da freguezia quei-
ra intervir.

O sr. Joaquim Serra, o car-
tão-annuncio da casa Castellões,
foi visto hontem no café de Lon-
dres e ante-hontem no café do
Cruzeiro.

Parece que é sinistra inten-
ção de Joaquim Procopio apoderar-se de toda a
rua do Ouvidor...

Ambicioso!

Tornou a apparecer no roda-pé do *Jornal* o
microscopico — quer dizer, o microcosmico sr. C.
de L.

Diz elle que esteve n'uma escola a aprender,
isto é, a ensinar o portuguez, coisa que elle sabe
tanto, quasi tanto como amollar os seus leitores.
Pois que viva o C. de L.!

O orador inscripto para a conferencia de
domingo ultimo, na Gloria, faltou no prometido
em virtude de estar doente por falta de saude.

O sr. conselheiro Corria, que tem sempre
saude, por nunca estar doente, aproveitou-se da
ocasião para impingir no auditorio (?) a 99.^a
edição d'aquelle seu nunca assas recitado e co-
nhecido discurso sobre a instrucção publica do
publico.

Em um dos proximos domingos teremos de
ver a celebração do centenario d'esta monumental
obra do illustre senador conferencio-maniaco, com
musicas e foguetes de lagrimas... de quem o tem
ovido.

O escrivão Caetano declarou pelos jornaes
que é serio de mais, e independente... muito.

Pudéra! Se S. S. é escrivão...

Queriamos hontem ler o *Cruzeiro* da tarde,
e chamamos um garoto que o vendia. Mas o
petiz, o desalmado, enganou-se e dá-nos o *Cru-
zeiro*... de depois d'amanhã!

Maldição de jornal, que dá o numero d'a-
manhã hoje á tarde!

Gratos ao sr. ministro do imperio pela me-
dida que decretou mandando proceder á cremação
dos cadaveres, vão os estudantes de medicina
atrazados nos estudos e adiantados nas mezadas,
e por ambas as razões privados de credores,
offerecer a S. Ex. o cadaver de um *cadaver* em-
balsamado.

A mimosa prenda, consta-nos, terá uma ins-
cripção como a penna de ouro, e será: «Ao sr.
Conselheiro Leoncio, que sendo ministro não es-
queceu o odio que votava aos *cadaveres* quando
estudante, e vingou-se hoje mandando queimar-os.»

Excelentes rapazes!

Por causa d'aquellas coisas que... ainda conti-
nua a subscrever o noticiario d'esta espirituosa
folha,

O noticiaria

KARLO MELLO.

N. R. — O Sr. Caetano, o cantor da *capa d'ella*, da *borea
d'ella*, mimoso-nos com um livro e uma desco-
postura, ainda assim esta melhor do que aquelle. O
Sr. Caetano, o Sr. que é serio de mais e chama-nos de
coisa feia, diga-nos com a mão, com o braço na
consciencia: o Sr. Caetano o que é?

K. MELLO.

Novissimo.

Quando alguém se massa ou aborrece-se não
diz mais: — estou queimado! Diz logo — estou
cremado!

RIB.

A CREMAÇÃO

QUEM SE METTE COM CREAÇAS... JÁ SABE?



NOVO IMPÉRIO. — Quero a cremação, quero a cremação
 O QUE LHE DIERE OS PASSOS (O mesmo choro). — Hoje sim, amanhã não. Se te precipitas, ferro contigo no chão, cabo-me o livro da mão e não te dou a lição, por causa da cremação. Que anulação. N'esta afinação ainda hasde ser — Barão. — Já tens fardão.

A CREMAÇÃO. — O que será de nós, depois de reduzidos a pó.



As famílias terão os parentes em caixinhas como pó de dentes — sob a photographia do defunto.
 Como era gordo e bonito! agora occupa apenas o espaço de uma campada de camarão, cotidinho!